



COMPANHIA DAS LETRAS

DAVID COPPERFIELD

CHARLES DICKENS nasceu em Portsmouth, Inglaterra, em 7 de fevereiro de 1812. Aos doze anos, após a prisão do pai, começou a trabalhar numa fábrica de graxa para sapatos. Recebeu pouca instrução formal, porém, de forma autodidata, aprendeu taquigrafia e se tornou repórter do *Morning Chronicle*, com a incumbência de registrar debates parlamentares. Publicou crônicas em diversos periódicos, posteriormente reunidas no livro *Sketches by "Boz"*. Entre 1836 e 1837, escreveu e publicou em série *As aventuras do sr. Pickwick*, que se tornou um fenômeno editorial. Depois da publicação em capítulos de *Oliver Twist*, iniciada em 1837, seguiram-se *A vida e as aventuras de Nicholas Nickleby* (1838-9) e *A loja de antiguidades* (1840-1). Ao concluir *Barnaby Rudge* (1841), Dickens viajou para os Estados Unidos e registrou suas experiências em *American Notes* (1842). *Martin Chuzzlewit* (1843-4) não repetiu o sucesso das obras anteriores, porém logo veio a compensação: *Um conto de Natal*, o primeiro dos cinco "livros de Natal", que foi publicado em 1843. Em 1846, Dickens começou a publicação em série de *Dombey e filho*, que, como *David Copperfield* (1849-50), é mais sério no tocante ao tema e mais bem planejado que seus primeiros romances. Ao longo da década de 1850, publicou *A casa soturna* (1852-3), *A pequena Dorrit* (1855-7), *Tempos difíceis* (1854) e *Um conto de duas cidades* (1859), além de ter criado os periódicos *Household Words* e *All the Year Round*. Nos anos 1860, apesar de a saúde do escritor ter se debilitado, escreveu *Grandes esperanças* (1860-1) e *O amigo comum* (1864-5). Dickens faleceu em 9 de junho de 1870, deixando inacabado seu último romance, *O mistério de Edwin Drood*.

JEROME HAMILTON BUCKLEY nasceu em Toronto, no Canadá, em 30 de agosto de 1917. Em 1939, depois de terminar a graduação na Universidade de Toronto, Buckley continuou seus

estudos na Universidade Harvard. Anos mais tarde, tornou-se professor emérito de literatura inglesa dessa instituição e membro da Academia Americana de Artes e Ciências. É autor de livros como *The Victorian Temper: A Study in Literary Culture* (1951) e *The Turning Key: Autobiography and Subjective Impulse since 1800* (1984). Faleceu em 2003.

SANDRA GUARDINI TEIXEIRA VASCONCELOS é professora titular de literaturas de língua inglesa da Universidade de São Paulo (USP). Tem mestrado e doutorado em teoria literária e literatura comparada pela USP e pós-doutorado na Universidade de Cambridge e na Universidade de Manchester. É autora de *Puras misturas* (1997), *Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII* (2002) e *A formação do romance inglês: Ensaios teóricos* (2007), que recebeu o prêmio Jabuti de 2008 na categoria Teoria/Crítica Literária. É curadora do Fundo João Guimarães Rosa (IEB-USP) e pesquisadora 1A do CNPq.

VIRGINIA WOOLF é hoje considerada uma das maiores escritoras do século XX, grande romancista e ensaísta, bem como figura de destaque na história da literatura como feminista e modernista. Nascida em 1882, sofreu fortes traumas na adolescência devido à morte de sua mãe em 1895 e da meia-irmã Stella em 1897, eventos que a deixaram vulnerável a colapsos nervosos pelo resto da vida. Seu pai morreu em 1904 e, dois anos depois, seu irmão predileto, Thoby, faleceu repentinamente de tifo. Em 1912, casou-se com Leonard Woolf, com quem, cinco anos depois, fundou a Hogarth Press, responsável pela publicação das obras de T.S. Eliot, E. M. Forster e Katherine Mansfield, assim como das primeiras traduções de Freud. Em 1941, cometeu suicídio, afogando-se. É autora de *A viagem* (1915), *Noite e dia* (1919), *O quarto de Jacob* (1922), *Mrs. Dalloway* (1925), *Ao farol* (1927), *Orlando* (1928), *Um teto todo seu* (1929), *As ondas* (1931), *Os anos* (1937), *Three Guineas* (1938) e *Entre os atos* (1941).

JOSÉ RUBENS SIQUEIRA é profissional das artes há mais de cinquenta anos. Escreveu, traduziu e dirigiu peças teatrais, tendo recebido diversos prêmios. Dirigiu curtas e longas-metragens e participou de festivais de cinema internacionais. É tradutor do inglês, do espanhol, do francês e do italiano há mais de quarenta anos. Verteu para o português obras de Salman Rushdie, J. M. Coetzee, Toni Morrison, Isaac Bashevis Singer, Doris Lessing, Mario Vargas Llosa e Kazuo Ishiguro, para editoras como Companhia das Letras, Objetiva/Alfaguara, Record e Cosac Naify.

CHARLES
DICKENS
David Copperfield

Tradução de
JOSÉ RUBENS SIQUEIRA

Ensaio de
JEROME H. BUCKLEY
SANDRA GUARDINI VASCONCELOS
VIRGINIA WOOLF



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2017 by Penguin-Companhia das Letras
“Preface”, Jerome H. Buckley, in *David Copperfield*:
A Norton Critical Edition, de Charles Dickens, organizado
por Jerome H. Buckley © 1990 by W. W. Norton & Company,
Inc., com permissão de W. W. Norton & Company, Inc.
“Os anos de aprendizagem de David Copperfield”
© 2014 by Sandra Guardini Vasconcelos

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Penguin and the associated logo and trade dress are registered
and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or
Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with
Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL
David Copperfield

REVISÃO
Jane Pessoa
Carmen T. S. Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Dickens, Charles, 1812-1870.
David Copperfield / Charles Dickens ; tradução de José
Rubens Siqueira ; ensaios de Jerome H. Buckley, Sandra
Guardini Vasconcelos, Virginia Woolf. — 1ª ed. —
São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2018.

Título original: David Copperfield.
ISBN 978-85-8285-067-1

1. Ficção inglesa I. Buckley, Jerome H. II. Vasconcelos,
Sandra Guardini. III. Woolf, Virginia. IV. Título

17-10013

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura inglesa 823

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.penguincompanhia.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

www.companhiadasletras.com.br

Sumário

Prefácio à edição de 1867	II
---------------------------	----

DAVID COPPERFIELD

I. Nasço	15
II. Observo	30
III. Uma mudança	49
IV. Caio em desgraça	69
V. Expulso de casa	93
VI. Amplio meu círculo de relações	116
VII. Meu primeiro semestre na Salem House	126
VIII. Minhas férias. Principalmente uma tarde feliz	149
IX. Um aniversário memorável	168
X. Abandonado e sustentado	183
XI. Começo a vida por conta própria, e não gosto	208
XII. Ainda insatisfeito em viver por conta própria, tomo uma grande resolução	228
XIII. A consequência de minha resolução	240
XIV. Minha tia toma uma decisão a meu respeito	265
XV. Começo de novo	285
XVI. Um novo menino em mais de um sentido	297
XVII. Alguém aparece	324
XVIII. Um retrospecto	346
XIX. Olho em torno de mim e faço uma descoberta	356
XX. A casa de Steerforth	377
XXI. A pequena Em'ly	388
XXII. Algumas cenas antigas e algumas pessoas novas	412

LXII. Brilha uma luz em meu caminho	1095
LXIII. Uma visita	1106
LXIV. Um último retrospecto	1116
 Prefácio à <i>Norton Critical Edition</i> — Jerome H. Buckley	1123
<i>Os anos de aprendizagem de David Copperfield</i>	
— Sandra Guardini Vasconcelos	1133
Sobre <i>David Copperfield</i> — Virginia Woolf	1153
<i>Cronologia</i>	1155

Prefácio à edição de 1867

CHARLES DICKENS

Observei, no prefácio original deste livro, que não considerei fácil me distanciar o suficiente, ainda nas primeiras sensações depois de terminá-lo, para me referir a ele com a compostura que esta abertura formal parece exigir. Meu interesse nele era tão recente, e tão forte, e minha mente estava tão dividida entre o prazer e o lamento — prazer pela conclusão de um longo projeto, lamento por me separar de tantos companheiros —, que eu corria o risco de cansar o leitor com confidências pessoais e emoções particulares.

Além disso, tudo o que eu poderia dizer sobre a história, quaisquer que fossem as razões para isso, procurei dizer nela.

Pouco interessaria ao leitor, talvez, saber como senti pena de deixar a caneta de lado ao encerrar uma tarefa imaginativa de dois anos; ou como um autor se sente ao lançar uma parte de si mesmo no mundo de sombras quando uma multidão de criaturas de sua cabeça sai dele para sempre. No entanto, eu nada mais tinha a dizer; a menos, de fato, que fosse confessar (o que pode ser ainda menos importante) que ninguém jamais poderá acreditar nesta narrativa, ao lê-la, mais do que eu acreditei ao escrevê-la.

Tão verdadeiros são esses sentimentos no presente que agora só posso fazer ao leitor mais uma confidência. De todos os meus livros, este é o de que gosto mais. É fácil

acreditar que sou pai afetuoso de todos os filhos de minha fantasia, e que ninguém jamais amará essa família mais do que eu. Mas, assim como muitos pais afetuosos, tenho no fundo do meu coração um filho predileto. E seu nome é DAVID COPPERFIELD.

I.

Nasço

Se serei o herói de minha própria vida, ou se essa posição será ocupada por alguma outra pessoa, é o que estas páginas devem mostrar. Para começar minha vida com o começo de minha vida, registro que nasci (conforme me informaram e acreditei) numa sexta-feira, à meia-noite. Notaram que o relógio começou a bater as horas e comecei a chorar simultaneamente.

Considerando o dia e a hora de meu nascimento, a parteira e algumas mulheres sábias do bairro, que tinham um vivo interesse em mim meses antes de qualquer possibilidade de nos conhecermos pessoalmente, declararam, primeiro, que eu estava destinado a ser infeliz na vida; e, em segundo lugar, que teria o privilégio de enxergar fantasmas e espíritos; ambos os dotes inevitáveis, como elas acreditavam, a toda infeliz criança de qualquer gênero, nascida nas primeiras horas de uma noite de sexta-feira.

Não preciso dizer nada aqui, logo no começo, porque nada pode demonstrar melhor que minha própria história se essa previsão se confirmou ou se desmentiu. No segundo aspecto da questão, observarei apenas que, a menos que eu tenha esgotado essa parte de minha herança quando bebê, ainda não tomei posse dela. Mas não reclamo nem um pouco de ser poupado dessa privação; e se alguma outra pessoa goza dela no presente momento, será muito bem-vinda a conservá-la consigo.

Nasci empelicado,* e a membrana foi posta à venda nos jornais ao módico preço de quinze guinéus. Se as pessoas que viajavam por mar naquela época estavam sem dinheiro, ou estavam sem fé e preferiam os coletes de cortiça, eu não sei; tudo o que sei é que houve apenas um lance solitário, e foi de um advogado ligado ao câmbio, que ofereceu duas libras em dinheiro, e o resto em xerez, mas declinou da garantia de não morrer afogado por um preço superior. Em consequência, o anúncio foi retirado com prejuízo total — pois quanto ao xerez, o xerez de minha pobre e querida mãe estava no mercado então — e dez anos depois a membrana de empelicado foi rifada em nossa região, em cinquenta números a meia-coroa por cabeça, o vencedor vindo a gastar cinco xelins. Eu estava presente e me lembro de ter me sentido bem incomodado e confuso diante de uma parte de mim ser oferecida desse jeito. Quem ganhou a membrana de empelicado, eu me lembro, foi uma velha com uma cesta, que, muito relutante, apresentou os estipulados cinco xelins, tudo em moedas de meio penny, e faltando dois pence e meio, coisa que exigiu tempo imenso e grande gasto de matemática no empenho infrutífero de provar isso a ela. O fato é que por muito tempo será lembrado como notável por lá que ela nunca se afogou, mas morreu triunfante em sua cama aos noventa e dois anos. Soube que essa foi, até o final, sua maior vaidade, o fato de nunca ter estado na água em sua vida, a não ser numa ponte; e, durante o chá (sobre o qual era extremamente exigen-

* Empelicada é a criança nascida com a cabeça envolta na membrana amniótica, que contém o líquido que protege o feto de impactos. É crença popular em quase todas as culturas que isso constitui sinal de proteção especial. Na Inglaterra do século XIX, a presença dessa membrana era garantia de que a criança não morreria afogada. Se a membrana fosse passada a outra pessoa, a proteção seria transferida. [Esta e as demais notas de rodapé são do tradutor.]

te), ela, até o final, sempre expressava sua indignação pela audácia insolente de marinheiros e outros que tinham a presunção de sair “vagando” pelo mundo. Inútil relembrar a ela que algumas conveniências, inclusive talvez o chá, resultavam dessa prática questionável. Ela sempre respondia com ênfase ainda maior e com um conhecimento instintivo da força de sua objeção: “Não vamos divagar”.

Para não divagar, eu próprio, neste momento, voltemos ao meu nascimento.

Nasci em Blunderstone, Suffolk, ou “por ali”, como dizem na Escócia. Fui filho póstumo. Os olhos de meu pai estavam fechados para a luz deste mundo havia seis meses quando os meus se abriram para ele. Há algo de estranho para mim, mesmo hoje, na ideia de que ele nunca me viu; e algo ainda mais estranho na lembrança sombria que tenho de minhas primeiras associações infantis com sua branca lápide no adro da igreja e da indefinível compaixão que costumava sentir, por ele estar ali deitado sozinho na noite escura, quando nossa saleta era quente e iluminada por fogo e vela, e as portas de nossa casa estavam — quase cruelmente, me parecia às vezes — fechadas e trancadas.

Uma tia de meu pai, e portanto tia-avó minha, sobre quem terei mais a relatar adiante, era a principal magnata da família. A srta. Trotwood, ou srta. Betsey, como minha pobre mãe a chamava, quando conseguia superar seu horror a essa personagem tremenda a ponto de nem sequer mencioná-la (o que era raro), havia se casado com um marido mais jovem que ela, que era muito bonito, exceto no sentido do adágio popular “bonito é quem o bem faz”, porque havia forte suspeita de que ele batia na srta. Betsey e de que havia mesmo, numa questão polêmica sobre provisões, feito algumas apressadas, mas decididas, tentativas de jogá-la pela janela de um segundo andar. Esses sinais de incompatibilidade de temperamentos levou a srta. Betsey a pagar a ele e efetuar uma separação amigável. Ele foi para a Índia com seu capital e lá, segundo uma lenda desvairada

de nossa família, foi visto uma vez montado num elefante na companhia de um babuíno; mas creio que se tratava de um babu ou uma begum.* Seja como for, da Índia chegaram em casa notícias de sua morte, dez anos depois. Como isso afetou minha tia, ninguém soube; pois imediatamente após a separação ela retomou seu nome de solteira, comprou um chalé num povoado no litoral, muito longe, lá se instalou como mulher solteira com uma criada, e ficou claro que viveria isolada, para sempre, em retiro inflexível.

Meu pai havia sido o queridinho dela, creio eu; mas ela ficou mortalmente ofendida com o casamento dele, em razão de minha mãe ser “uma boneca de cera”. Ela jamais vira minha mãe, mas sabia que não tinha ainda vinte anos. Meu pai e a srta. Betsey nunca mais se encontraram. Ele tinha o dobro da idade de minha mãe quando se casaram e era de constituição um tanto delicada. Morreu um ano depois, e, como disse, seis meses antes que eu viesse ao mundo.

Esse era o estado das coisas na tarde daquela que *eu* posso ter a licença de considerar uma sexta-feira agitada e importante. Não tenho como saber em que pé estavam as coisas naquele momento; nem guardo lembrança alguma, fundada em prova de meus sentidos, do que se segue.

Minha mãe estava sentada diante do fogo, mas indisposta e de moral muito baixo, olhando as chamas através das lágrimas, e se desesperando penosamente por si mesma e pelo pequeno estranho sem pai que, já bem recebido por algumas dúzias de proféticos alfinetes, numa gaveta do andar de cima, em um mundo nada animado pela questão de sua chegada; minha mãe, digo, estava sentada junto ao fogo naquela manhã clara e ventosa de março, muito temerosa e triste e duvidando muito que fosse sair viva

* Títulos indianos: “babu” é pronome de tratamento para um cavalheiro hindu; “begum” tem o significado de “princesa” e é usado para senhoras muçulmanas.

da provação que tinha diante de si, quando, erguendo os olhos ao enxugá-los, viu pela janela em frente uma dama desconhecida entrando pelo jardim.

Minha mãe teve, ao segundo olhar, uma firme premonição de que era a srta. Betsey. O sol poente brilhava sobre a dama desconhecida, por cima da cerca do jardim, e ela avançava para a porta com a feroz rigidez de porte e compostura de expressão que não podiam pertencer a mais ninguém.

Quando chegou à casa, deu uma prova a mais de sua identidade. Meu pai sempre insinuara que ela quase nunca se portava como um cristão comum; e então, em vez de tocar a sineta, ela chegou e olhou para dentro daquela mesma janela, pressionando a ponta do nariz no vidro a tal ponto que minha pobre e querida mãe costumava dizer que ficou perfeitamente chato e branco por um momento.

Ela deu tamanho susto em minha mãe que sempre achei que devia à srta. Betsey o fato de ter nascido numa sexta-feira.

Em sua agitação, minha mãe havia deixado a cadeira, e ido para trás dela. A srta. Betsey percorreu com os olhos a sala, devagar e interrogativamente, começando pelo outro lado e conduzindo os olhos como uma cabeça de mouro num relógio holandês até encontrar minha mãe. Então fez para minha mãe uma carranca e um gesto de alguém acostumada a ser obedecida, para que viesse abrir a porta. Minha mãe foi.

— Sra. David Copperfield, *imagino* eu — disse a srta. Betsey; a ênfase se referindo, talvez, ao luto de minha mãe e à sua condição.

— Sim — minha mãe disse, abatida.

— Srta. Trotwood — disse a visitante. — Ouviu falar dela, se ousar dizer.

Minha mãe respondeu que tinha tido o prazer. E teve a desagradável consciência de não deixar transparecer que havia sido um prazer opressivo.

— Agora está diante dela — disse a srta. Betsey. Minha mãe baixou a cabeça e a convidou a entrar.

Foram para a saleta de onde minha mãe havia saído, não estando acesa a lareira da sala melhor, do outro lado do corredor — não fora acesa, na verdade, desde o enterro de meu pai; e quando se sentaram e a srta. Betsey não disse nada, minha mãe, depois de tentar inutilmente se controlar, começou a chorar.

— Ah, ora, ora, ora! — logo disse a srta. Betsey. — Não faça isso! Vamos, vamos!

Minha mãe mesmo assim não conseguiu se controlar, de forma que chorou até não ter mais o que chorar.

— Tire a touca, menina — disse a srta. Betsey — e me deixe ver você.

Minha mãe estava com muito medo dela para se recusar a obedecer a esse pedido estranho, mesmo que tivesse alguma disposição para tal. Portanto, fez o que lhe foi ordenado, e o fez com mãos tão nervosas que o cabelo (que era farto e bonito) caiu por todo o rosto.

— Ora, Deus me perdoe! — exclamou a srta. Betsey. — Você é mesmo uma criança!

Minha mãe era, sem dúvida, excepcionalmente jovem de aparência, até para sua idade. Ela baixou a cabeça, como se fosse culpa sua, coitadinha, e disse, soluçando, que de fato acreditava ser nada mais que uma viúva menina e não seria mais que uma mãe menina se sobrevivesse. Na breve pausa que se seguiu, ela teve a impressão de sentir a srta. Betsey tocar seu cabelo, e com mão não indelicada; mas olhando para ela, em sua tímida esperança, descobriu que a dama estava sentada com a saia erguida, as mãos dobradas sobre um joelho e os pés na grade de proteção, testa franzida para o fogo.

— Em nome dos céus — disse a srta. Betsey de repente —, por que Gralhada?

— Está falando da casa, minha senhora? — perguntou minha mãe.

— Por que Gralhada? — perguntou a srta. Betsey. — Fornada teria sido muito mais adequado, se tivessem alguma visão prática da vida, vocês dois.

— O nome foi escolha do sr. Copperfield — respondeu minha mãe. — Quando comprou a casa, ele gostava de pensar que haveria gralhas em torno dela.

O vento do entardecer fez então tamanha agitação entre alguns olmos altos no fim do jardim que nem minha mãe nem a srta. Betsey conseguiram deixar de olhar naquela direção. Já que os olmos se inclinavam uns na direção dos outros, como gigantes que sussurrassem segredos, e depois de alguns segundos desse repouso caíssem em violenta agitação, sacudindo os loucos braços, como se suas últimas confidências fossem realmente pérfidas demais para sua paz de espírito, alguns velhos ninhos de gralhas esfiapados, desgastados pelo tempo, que pesavam dos galhos mais altos, sacudiam como náufragos num mar tempestuoso.

— Onde estão os pássaros? — perguntou a srta. Betsey.

— Os...? — Minha mãe estava pensando em outra coisa.

— As gralhas... o que aconteceu com elas? — perguntou a srta. Betsey.

— Não veio nenhuma desde que moramos aqui — disse minha mãe. — Achamos, o sr. Copperfield achou, que eram muitas gralhas; mas os ninhos eram bem velhos e tinham sido abandonados pelos pássaros muito tempo antes.

— David Copperfield sem tirar nem pôr! — exclamou a srta. Betsey. — David Copperfield da cabeça aos pés! Chamar uma casa de Gralhada quando não existe gralha nenhuma por perto e achar que há pássaros porque vê os ninhos!

— O sr. Copperfield — respondeu minha mãe — está morto e se a senhora se atrever a falar mal dele para mim...

Minha pobre e querida mãe, acho, tinha alguma in-

tenção momentânea de atacar e espancar minha tia, que podia com facilidade dar conta dela com uma só mão, embora minha mãe tivesse tido melhores condições para um enfrentamento desses do que tinha nessa noite. Mas isso passou com o ato de levantar da cadeira e ela se sentou de novo, muito fraca, e desmaiou.

Quando voltou a si, ou quando a srta. Betsey a trouxe de volta, seja o que for, viu a outra parada diante da janela. O entardecer a essa altura estava caminhando para a escuridão; e, na penumbra, não conseguiriam se ver sem a ajuda do fogo.

— Bom — disse a srta. Betsey indo até sua cadeira, como se estivesse considerando casualmente a possibilidade —, e para quando você espera...

— Estou toda trêmula — minha mãe disse, vacilante. — Não sei o que está acontecendo. Eu vou morrer, tenho certeza!

— Não, não, não — disse a srta. Betsey. — Tome um chá.

— Ai, meu Deus, ai, meu Deus, acha que vai me fazer bem? — minha mãe exclamou, desamparada.

— Claro que sim — disse a srta. Betsey. — Isso não passa de capricho. Como você chama a sua menina?

— Não sei ainda se será uma menina, não, senhora — disse minha mãe, inocente.

— Bendita criança! — a srta. Betsey exclamou, citando sem saber a frase da almofada de alfinetes na gaveta do andar de cima, mas aplicada a minha mãe e não a mim. — Não falei disso. Estou falando da criada.

— Peggotty — disse minha mãe.

— Peggotty! — repetiu a srta. Betsey com certa indignação. — Você está me dizendo, filha, que um ser humano entrou numa igreja cristã e adquiriu o nome de Peggotty?

— É o sobrenome dela — disse minha mãe, fraca. — O sr. Copperfield a chamava assim porque o nome de batismo dela é igual ao meu.

— Venha cá! Peggotty! — gritou a srta. Betsey, abrindo

a porta da saleta. — Chá. Sua patroa não está muito bem. Não demore.

Dada essa ordem com tal veemência como se ela fosse uma autoridade reconhecida na casa desde que era uma casa, e tendo confrontado a perplexa Peggotty que surgira no corredor com uma vela ao som de uma voz estranha, a srta. Betsey fechou a porta de novo e sentou-se como antes: com os pés no anteparo, a saia do vestido erguida e as mãos dobradas em cima de um joelho.

— Você estava falando de ser menina — disse a srta. Betsey. — Não tenho dúvida de que vai ser menina. Tenho um pressentimento de que deve ser uma menina. Agora, filha, no momento em que essa menina nascer...

— Talvez menino — minha mãe tomou a liberdade de interromper.

— Estou dizendo que tenho um pressentimento de que deve ser uma menina — insistiu a srta. Betsey. — Não me conteste. Desde o momento do nascimento dessa menina, filha, pretendo ser amiga dela. Pretendo ser sua madrinha e peço que dê a ela o nome de Betsey Trotwood Copperfield. Não deve haver nenhum equívoco na vida com *esta* Betsey Trotwood. Não deve haver nenhuma bobagem com os afetos *dela*, pobrezinha. Ela deve ser bem-educada e bem preservada para não depositar sua confiança onde não é merecida. Disso farei a *minha* obrigação.

A cabeça da srta. Betsey fazia um movimento depois de cada uma dessas frases, como se os seus próprios erros do passado estivessem agindo dentro dela e, através de forte repressão, ela impedisse qualquer referência mais direta a eles. Assim suspeitou minha mãe, ao menos, ao observá-la à luz baixa do fogo: muito amedrontada pela srta. Betsey, muito inquieta por si mesma e muito calada e confusa no todo para observar qualquer coisa com clareza ou saber o que dizer.

— E David era bom para você, filha? — perguntou a srta. Betsey, depois de ficar um pouquinho calada e esses